

## Tensões nada diplomáticas

Antonio Ribeiro de Almeida Junior<sup>1</sup>

Em 29 de dezembro de 2016, o então Presidente dos Estados Unidos da América, Barrack Obama, ordenou a expulsão de 35 diplomatas russos e o fechamento de um prédio em Nova York e de outro em Maryland que serviam como estabelecimentos diplomáticos da Federação Russa. Os diplomatas expulsos foram acusados de coletarem dados para a inteligência russa por meio de atividades que envolviam os prédios interditados. Obama também estabeleceu sanções contra pessoas e organizações consideradas responsáveis por uma suposta interferência nas eleições presidenciais dos EUA, que teria prejudicado a campanha de Hillary Clinton e favorecido Donald Trump na disputa pela Casa Branca. Na mídia, havia especulações sobre o envolvimento direto do governo russo e do próprio Vladimir Putin nas questões eleitorais dos EUA.

Naquele momento, a tensão entre as duas potências nucleares era elevada. A crise na Ucrânia, a incorporação da Crimeia, a entrada da Rússia na guerra civil na Síria, as sanções dos EUA e da União Europeia e as contramedidas russas, as constantes acusações da OTAN, a movimentação militar nas fronteiras do leste europeu e ações correspondentes por parte das forças armadas russas. Os testes de novas armas eram frequentes em um clima beligerante similar ao da Guerra Fria. Em relação à expulsão dos diplomatas pelos EUA, a reação russa não se fez esperar. Foram

feitas ásperas críticas à ação de Obama, mas, naqueles dias, nenhum diplomata norte-americano foi expulso<sup>2</sup>. Pelas declarações recentes de Putin, podemos pensar que ele resolveu aguardar as ações de Trump, o novo Presidente eleito que, durante sua campanha, tinha prometido melhorar as relações entre os dois países. Havia talvez, por parte dos russos, alguma esperança em um novo período de distensão.

As promessas de Trump logo se mostraram inócuas. Na verdade, ele adotou muitas medidas desestabilizadoras, entre as quais destaco: o ataque com mísseis contra a Síria, a bomba de altíssimo poder lançada no Afeganistão, a esquadra de navios de guerra e o sistema anti-mísseis Thaad, deslocados para a Coreia do Sul. Em outras palavras, as provocações e agressões não apenas continuaram, mas se agravaram.

No dia 25 de julho de 2017, o Congresso norte-americano aprovou, com 530 de um total de 535 votos possíveis, um novo conjunto de sanções contra a Rússia, a Coreia do Norte e o Irã. A reação russa foi imediata. Putin ordenou que 755 funcionários da diplomacia norte-americana deixem a Rússia até 1º de setembro de 2017. O tom das declarações é duro. Como exemplo, no facebook do Ministério das Relações Exteriores da Rússia, encontramos o seguinte:

*Poucos brasileiros perceberam que o golpe parlamentar, que desmoralizou a democracia por aqui, é parte de uma “guerra híbrida” entre as grandes potências.*

“É lamentável que a lei sobre sanções contra a Rússia tenha entrado em vigor nos Estados Unidos. O próprio título “Contrapondo os Adversários da América por

Meio de Sanções” fala por si. Seus propositores estão tentando imprimir sobre o público dos Estados Unidos uma imagem de nosso país. Esta é uma política com uma visão

<sup>1</sup> Professor Titular do Departamento de Economia, Administração e Sociologia – ESALQ – USP; Coordenador do Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos – DIVERSITAS – FFLCH - USP

<sup>2</sup> De acordo com a CNN (<http://edition.cnn.com/2016/12/29/politics/russia-sanctions-announced-by-white-house/>), a Escola Anglo-Americana de Moscou, que serve aos filhos dos diplomatas norte-americanos, ingleses e canadenses, foi fechada e foi interditado o acesso a uma propriedade de veraneio em Serebryany Bor. O site da Anglo-American School of Moscow (<https://www.aas.ru/>) apresenta as atividades deste segundo semestre de 2017 transcorrendo normalmente. Recentemente, a propriedade de Serebryany Bor foi definitivamente confiscada.

muito curta e mesmo perigosa, que solapa fortemente a estabilidade pela qual Moscou e Washington tem especial responsabilidade. O Ministério das Relações Exteriores da Rússia expressou nossa posição sobre as ações dos Estados Unidos, incluindo esta resolução, em sua declaração de 28 de julho. Nós também já demonstramos que não vamos deixar ações hostis sem resposta, incluindo a expulsão de nossos diplomatas pelas autoridades norte-americanas e o confisco de propriedade diplomática. Naturalmente, também nos reservamos o direito a outras contramedidas. Este é o momento certo para que os fãs norte-americanos das sanções, que mergulharam os EUA em histeria russofóbica, livrem-se de suas ilusões e percebam que nenhuma ameaça ou tentativa de exercer pressão compelirão a Rússia a mudar o seu curso ou a sacrificar os seus interesses nacionais.

Trocar farpas não é nossa escolha. Estamos abertos à cooperação com os Estados Unidos nas esferas em que consideramos isto útil para nós mesmos e para a segurança internacional, incluindo a resolução de conflitos regionais. No entanto, cooperação produtiva somente é possível se os políticos de Washington superarem suas ilusões e pararem de perceber o mundo a sua volta através do prisma da ‘excepcionalidade norte-americana’ que está distorcendo a realidade.”<sup>3</sup>

Em resposta aos pronunciamentos sobre a interferência nas eleições norte-americanas, a Rússia tem acusado os Estados Unidos de interferên-

3 It is regrettable that the law on sanctions against Russia has come into effect in the United States. Its very title – “Countering America’s Adversaries Through Sanctions Act” – speaks for itself. Its initiators are trying to impress on the US public a certain image of our country. This is a very short-sighted and even dangerous policy fraught with undermining stability for which Moscow and Washington bear special responsibility.

The Russian Foreign Ministry expressed the Russian position on US actions, including this bill, in its statement on July 28. We have also already demonstrated that we are not going to leave unanswered hostile actions, including the expulsion of our diplomats by the US authorities and the seizure of diplomatic property. Naturally, we also reserve the right to other counter-measures.

It is high time the American fans of sanctions, which have plunged the United States into Russophobic hysteria, got rid of their illusions and realized that no threats or attempts to exert pressure will compel Russia to change its course or sacrifice its national interests.

Trading barbs is not our choice. We are open for cooperation with the United States in the spheres where we consider it useful for ourselves and international security, including settlement of regional conflicts. However, productive cooperation is only possible if Washington politicians overcome their delusions and stop perceiving the world around them through the prism of “American exceptionalism” that is distorting reality.

<https://www.facebook.com/MIDRussia/posts/1102859453146828>

cia em seus assuntos internos, incluindo financiamento de campanhas eleitorais<sup>4</sup>, distribuição de dinheiro para políticos e ONGs pró-Ocidente e por ataques contra os sites do Kremlin. A deterioração das relações entre os dois estados é não apenas evidente, mas também grave. Alguns autores muito relevantes, como Noam Chomsky, Stephen Cohen e Paul Craig Roberts, alertam para o imenso potencial destrutivo de uma guerra entre as duas superpotências militares. Esta indesejável situação poderia colocar fim àquilo que chamamos civilização e talvez à própria vida na Terra.

Como avaliar a que distância estamos de tão trágico destino? Preocupados com esta questão, em 1947, algumas pessoas criaram o “Relógio do Apocalipse”<sup>5</sup>, vinculado ao “Boletim dos Cientistas Atômicos”<sup>6</sup>. Neste relógio, a guerra nuclear é simbolizada pela meia-noite e a distância que estamos dela, ou de outra catástrofe global, é representada pelos minutos que faltam para a meia-noite. Desde que este relógio foi criado, somente em 1953 seu ponteiro foi colocado na marca de dois minutos. O motivo foi a detonação da primeira bomba atômica da União Soviética. Apenas em 1949 e em 1984, o relógio marcou três minutos. Foram momentos muito tensos da Guerra Fria, em que os canais de comunicação entre os EUA e a União Soviética ficaram obstruídos, aumentando muito os riscos de guerra. Em 2015 e 2016, o relógio voltou novamente para a marca de três minutos. Em 2017, devido ao aumento das tensões em várias partes do mundo, incluindo Ucrânia, Síria, Iraque, Afeganistão e Coreias, as pessoas responsáveis pelo movimento do ponteiro do relógio, entre as quais quinze cientistas ganhadores do Prêmio Nobel, colocaram a marca em dois minutos e meio para a meia-noite. É um alerta vermelho. Uma sábia advertência sobre os riscos que estamos correndo.

Mas, no Brasil, tudo transcorre como se isto não nos afetasse. Estamos tão voltados para a “nossa” crise que temos dificuldade para perceber que ela é parte de uma crise maior do sistema interestatal. Muitos não consideram o cenário mundial que, mesmo assim, é o contexto de nossas atribulações. O cotidiano nos consome. A mídia eletrônica nos distraí com coreogra-

4 <http://www.latimes.com/world/europe/la-fg-russia-us-meddling-20170623-story.html>

5 “Doomsday Clock”

6 Bulletin of the Atomic Scientists – <http://thebulletin.org/overview>

fadas e intermináveis intrigas políticas quando não com publicidades, esportes, novelas, moda e outras frivolidades. Poucos brasileiros perceberam que o golpe parlamentar, que desmoralizou a democracia por aqui, é parte de uma “guerra híbrida” entre as grandes potências.

Entre outros motivos, o golpe foi colocado em movimento porque estávamos desobedecendo as ordens imperiais, por exemplo, o Brasil: deixou de fazer empréstimos no FMI; negociou com a China e a França a exploração do pré-sal; passou a fabricar aviões que disputam faixas de mercado sentidas pelo império como pertencentes à Boeing e a outros fabricantes norte-americanos; a Vale, as grandes empreiteiras e outras empresas nacionais passaram a atuar no exterior; o turismo no Mercosul ocorre em moedas locais; a diplomacia brasileira tinha se aproximado da Venezuela e interferiu em outros assuntos delicados para o império; participamos da fundação do banco dos BRICS, em confronto direto com as instruções do governo dos EUA. Nossa desenvoltura, independência e soberania incomodaram os vizinhos imperiais do norte. Está em jogo a apropriação dos gigantescos recursos brasileiros, que sempre foram cobiçados e explorados pelo império e ainda o controle político sobre a América Latina.

A incapacidade analítica corrente entre os brasileiros parece ter paralisado também os movimentos internacionais contra a guerra. Na verdade, há uma avalanche de mensagens pró-militarismo e pró-guerra. Em geral, os grandes meios de comunicação do Ocidente distorcem profundamente a realidade em que estamos vivendo, criando um ambiente cultural que intensifica o apoio ao confronto e ao ódio. Há uma demonização da Rússia, da Síria, da Coreia do Norte, da Venezuela, do Irã, da China e de outras nações que não se submetem aos EUA. Demonização que vitima a consciência de muitos brasileiros e estrangeiros pelo mundo afora. Claro todos os países têm seus problemas, mas todos são soberanos para resolver suas questões internas sem que outras nações, não convidadas, interfiram. As violações de Direitos Humanos ocorrem em todos os campos ideológicos e são, frequentemente, empregadas como justificativa para ações intervencionistas, camufladas como humanitárias.

Nos últimos dias, Trump fez uma ameaça explícita de intervenção militar na Venezuela. Desde o trágico acidente com o avião da Chapecoense,

estamos sendo bombardeados com propaganda a favor da Colômbia. O governo brasileiro e a mídia têm apoiado movimentos contra a Venezuela, como a suspensão do Mercosul. Também, pela primeira vez, estão agendados exercícios conjuntos das Forças Armadas Brasileiras e norte-americanas na Amazônia. Precisam ser esclarecidos os vínculos destes exercícios com as ameaças militares de Trump contra a Venezuela. Tudo indica que, depois do golpe parlamentar, passamos a fazer o jogo de intimidação do império. Devemos ter cuidado com as consequências de tal imprudência e com o rompimento da paz na América do Sul.

Ocorreu ainda um novo e grave “acidente” com um navio de guerra norte-americano. É o quarto “acidente” este ano e o terceiro em dois meses. Colisões entre grandes embarcações não são comuns e os navios de guerra como o destróier USS John McCain e o contratorpedeiro USS Fitzgerald são equipados com sistemas de navegação e radar muito eficientes. Investigações estão em curso e deverão apontar potenciais responsáveis. Torçamos para que tudo fique entre os norte-americanos e que nenhuma outra nação seja responsabilizada por estes incidentes. O mundo de confrontos proposto pelos neoliberais e neoconservadores dos EUA é instável e, se acreditarmos na avaliação feita pelo “relógio do apocalipse”, os riscos estão crescendo. Além da possibilidade de guerra, eles crescem também porque as questões climáticas e ambientais não são tratadas de um modo condizente com o conhecimento disponível. Contra a opinião da maioria, estados e grandes corporações continuam a devastar a natureza, como se nenhuma consequência mais grave pudesse advir deste comportamento.

De acordo com Noam Chomsky, a opção pela sobrevivência envolve o questionamento da hegemonia norte-americana e, neste momento, isto significa confrontar as políticas do governo Trump, do império, de Temer e das grandes corporações. Enquanto as sereias midiáticas cantam, zombeteiros e inconscientes, flertamos com o abismo.

\* As ideias contidas neste artigo são de seu(s) autor(es) e não necessariamente expressam as posições oficiais do Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos – DIVERSITAS.